
Perigoso é o caos social

Hélio Jaguaribe

“**E**m matéria de ditadura, existem três motivações principais que levam a população a encará-la como o caminho a seguir. A primeira motivação é de ordem ideológica. É o fascínio perverso por vezes existente numa visão centralizadora do poder, ideologicamente justificada. É o caso de ditaduras que encontram sua legitimação em ideologias políticas como o fascismo, o comunismo. A segunda motivação é a idéia de que o autoritarismo é a única resposta possível ao caos social e econômico. Desta não estamos livres: é a ditadura que aparece como

um remédio de emergência. No Brasil, o risco da hiperinflação é exatamente este, o risco de se gerar uma ingovernabilidade tal no país que uma tamanha perda de controle e autoridade por parte do governo civil comprometa a própria normalidade democrática. Esta é a pior ditadura, é aquela que nasce pelo medo do caos social, que aparece como vontade da população. Não sou eu quem diz isto. Este conceito está na leitura da doutrina política clássica. Hobbes, por exemplo, já explicou brilhantemente que a população pode legitimar o poder absoluto dos imperadores pelo medo da desagregação, da desordem social. E, por fim, existe um terceiro caminho, que leva igualmente ao autoritarismo político, que é a ditadura que pretende se legitimar pela eficiência econômica, pelo seu desempenho na administração da economia. Esta terceira, sim, parece estar desaparecendo, parece estar em declínio. Pinochet, no Chile, é o exemplo claro. Seu governo teve uma primeira fase em que vendeu com bastante eficácia a idéia de que o autoritarismo representava a única resposta possível ao caos social, à desagre-

gação. Em seguida, tentou ganhar tempo para “arrumar a casa”, enquanto tentava mudar os meios de sua própria legitimação, com base num programa econômico mantinha baixos níveis inflacionários graças a uma política de atração de investimentos estrangeiros em função de tarifas aduaneiras bastante baixas (cerca de 10%). Agora, porém, com a normalidade social restaurada, a ditadura de Pinochet deixou de se legitimar politicamente. Neste momento a população disse não — ou seja: é preferível até comprometer a eficácia econômica no combate à inflação e voltar à normalidade democrática. Não resta dúvida, portanto, de que a população, no momento em que não se sente ameaçada pela desordem social, enxerga com muita propriedade o meio de se juntar democracia e eficiência econômica. Em tempos de normalidade, os ditadores perdem qualquer resquício de carisma que pudessem ainda ter e são desmascarados como anacrônicos para os novos tempos”.

Colaboraram: Christiane Samarco (Brasília); Kido Guerra, Marília Martins (Rio de Janeiro); Lina de Albuquerque (São Paulo)